

# *A intertextualidade em "A terra austral conhecida" (1676), de Gabriel de Foigny*

Intertextuality in Gabriel de Foigny's "The Southern land known" (1676)

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Universidade Vale do Rio Verde

**Resumo:** No ano de 1676, Gabriel de Foigny, um ex-monge franciscano francês, residente em Genebra e convertido ao calvinismo, publica *A terra austral conhecida*, relato de viagem e utopia literária, que descreve detalhadamente uma sociedade modelar – antípoda em relação à Europa. Esse livro discute um leque de questões prementes de sua época, concernentes principalmente à política, à religião e à filosofia, e dialoga com inúmeras obras. Neste artigo, individuaremos algumas dessas obras, que são, essencialmente: a) utopias, b) relatos de viagens, c) cosmografias, d) textos bíblicos e, por fim, e) filosóficos.

**Palavras-chave:** Relato de viagem. Utopia. Século XVII. Terra austral. Hermafrodita.

**Abstract:** In 1676, Gabriel de Foigny, a French ex-Franciscan monk resident in Geneva and converted to calvinism, publishes *The southern land known*, a travel account and a literary utopia which describes in detail an exemplary society – antipodal regarding Europe. This book discusses a range of pressing questions of his time, mainly concerned to politics, to religion and to philosophy, and dialogues with a large number of works. In this paper, we will discriminate some of these works, that are, essentially: a) utopias, b) travel accounts, c) cosmographies, d) biblical texts and, finally, e) philosophical texts.

**Keywords:** Travel account. Utopia. 17th century. Southern land. Hermaphrodite.

No ano de 1676, Gabriel de Foigny, ex-monge franciscano residente em Genebra e convertido ao calvinismo, publica *La terre australe connue*, relato de viagem atribuído a um certo Nicolas Sadeur. Os deslocamentos deste personagem resumem uma parte da história da expansão francesa pelo Atlântico. De pais franceses, foi concebido na América do Norte (em Port Royal, na Nouvelle France) e nasceu em alto mar (em 1603), numa embarcação que retornava ao porto de Bordeaux (França). Um naufrágio, nas costas da Espanha, provocou a morte de seus genitores e sua adoção por parte de nativos de Camarinas (cidade espanhola). Em seguida, ficou sob a tutela de jesuítas, em Lisboa, e aos oito anos foi acolhido pela família Vilafranca, partidária de Felipe II. Após alguns anos, foi vítima de um rapto, ao qual se seguiu mais um naufrágio, desencadeador de um périplo fabuloso pelo Atlântico sul que o levou à África (Congo), à terra austral e a Madagascar. Após ter vivido por cerca de trinta e cinco anos na terra austral, Sadeur retornou às terras europeias, levando consigo o relato escrito “de suas aventuras, parte em Crin, na terra austral, parte em Madagascar, escrito em latim” (FOIGNY, 2011, p. 63). Desembarcou em Livorno (Itália), em 24 de março de 1661. Nesse mesmo dia, conheceu o narrador do prefácio, que viria a ser o editor de seu relato. A saúde de Sadeur, porém, deteriorou-se rapidamente por causa da longa viagem de regresso, e no dia seguinte ele morreu nos braços do narrador.

Sadeur é o narrador de *A terra austral conhecida*, que descreve a única parte do globo ainda desconhecida no século XVII: a massa austral descrita pelos antigos, habitada por antípodas e nomeada, nos mapas da época, *terra australis incognita*<sup>1</sup>.

A terra austral é um lugar ideal, habitado por hermafroditas perfeitamente racionais que vivem em uma sociedade estritamente igualitária, sem política nem religião. Sadeur foi aceito por eles por possuir, como os austrais, os dois sexos. Mas, se o hermafroditismo dos austrais é físico e espiritual, fazendo-os assemelharem-se ao andrógino platônico, o de Sadeur é apenas físico, já que ele é tão “incompleto” quanto os homens que habitam as partes setentrionais do globo. A descrição da terra austral segue o paradigma moreano, formalizado na *Utopia* (1516), por isso podemos dizer que, além de relato de viagem, *A terra austral conhecida* é também uma utopia, ou seja, pertence

1 Sobre o mito do continente austral e sobre as antípodas, ver, por exemplo, RAYNAUD, 1983; CHOCHÉYRAS, 1984; LINON, 1990; RACAULT, 1991, p. 305-310, além da introdução de A.-M. Beaulieu à edição de *Les trois mondes*, de LA POPELINIÈRE, publicada em 1582 (1997).

ao gênero literário que se convencionou chamar de utopia, conforme a distinção estabelecida por Raymond Ruyer em seu livro pioneiro *L'utopie et les utopies* (1950).

### O conceito de utopia

Raymond Ruyer foi o primeiro a estabelecer a distinção tornada clássica entre gênero utópico e modo utópico. Essa distinção tem o mérito de trazer rigor conceitual ao problema da definição de um termo cujo sentido, desde sua criação, não cessou de ampliar-se e de diluir-se.

A utopia enquanto *modo* define-se, segundo Ruyer, como um “exercício mental sobre os possíveis laterais” à realidade, que fornecem um “terreno à invenção e um campo à crítica” (1950, p. 9 e 21). Essa ampla definição abarca também a definição da utopia enquanto gênero, que pode ser pensada como uma especificidade da utopia enquanto modo: a representação textual dos possíveis laterais, que segue o paradigma moreano. O modo utópico é uma constante humana (QUARTA, 1996) que tem se manifestado desde tempos primordiais, na expressão do desejo de uma alteridade social. Sua formalização como gênero literário, em 1516, é o resultado de uma determinada combinação de fatores retóricos, literários, políticos, filosóficos, sociais e econômicos.

Cioranescu (1972) foi o primeiro a designar por *utopismo* o modo utópico, indicando assim uma mentalidade, um espírito, uma vontade de superação, que toma forma literária em textos romanescos (utopia) ou filosóficos, ou se manifesta em movimentos sociais, na arte e outras práticas. A diferenciação entre utopia (gênero) e utopismo (modo) teve ampla fortuna e ainda hoje muitos estudiosos recorrem a ela devido à sua clareza conceitual.

Já a utopia como *gênero literário* é, para Ruyer:

A descrição de um mundo imaginário, fora de nosso espaço ou de nosso tempo, ou em todo caso, do espaço e do tempo históricos e geográficos. É a descrição de um mundo constituído sobre princípios diferentes dos que estão em ação no mundo real. (1950, p. 3).

Ainda que o mundo utópico reconstruído literariamente possua princípios próprios, o mundo referencial, historicamente existente, mantém, porém seu caráter referencial. Em seu estudo sobre a *Utopia* de Morus, Prévost ressaltou o quanto o *libellus aureus* pode se pretender a uma classifi-

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

cação enquanto *gênero histórico*, já que, “exteriormente, a *Utopia* é uma obra sem pretensão, um tipo de memorando de viagem. As pessoas, os lugares e os acontecimentos que ocupam as primeiras páginas pertencem à história e qualquer um pode verificar a exatidão dos detalhes” (1971, p. 161). Relato plausível, relato fictício, verossímil e inverossímil estão imbricados (característica que coloca Morus na esteira da tradição luciânica).

O inverossímil encontra-se na própria forma retórica da *Utopia*, a *declamatio*, adotada, no século XVI, como exercício para estimular o desenvolvimento oratório. Essa forma de expressão que se define pelo jogo e pela ficção é também um gênero filosófico que se presta à expressão de ideias e temas paradoxais, e requiere boa dose de acuidade e sagacidade tanto do autor quanto do leitor (PRÉVOST, 1978, p. 37; LESTRINGANT, 2006, p. 158; LOGAN; ADAMS, 1999, p. XIX-XX)<sup>2</sup>. Nesse encontro entre ficção e realidade, verossímil e inverossímil, encontra-se toda a complexidade do gênero utópico. Ele é um *serio ludere* escrito por um moralista em quem a vida contemplativa e os ideais de *honestas* e *utilitas* se confrontam permanentemente com a vida política, “um sonho político do Renascimento”<sup>3</sup> que se efetiva enquanto criação abstrata, literária, com função de “instrumento crítico” (PRÉVOST, 1978, p. 26).

Vasta demais para deixar-se encerrar em categorias clássicas, ela não tem outra coerência a não ser a sua própria; sua lógica tem algo de absurdo; sua imanência está na medida de suas dimensões transcendentais; ela exige que o leitor aceite sua própria dialética e abra caminho até seu discurso. (PRÉVOST, 1978, p. 25).

Segundo Prévost, em sua essência, a *Utopia* tem a força de um mito que se constitui em um dos grandes *instrumentos críticos* do pensamento, pertencendo a uma tradição que vai do *Organon* de Aristóteles, passando pelo *Novum instrumentum*, de Erasmo, pelo *Discurso do método*, de Descartes, pela dialética de Hegel, à *Relatividade* de Einstein (1978, p. 26).

2 Muito praticada no Renascimento e, particularmente, por Morus, durante seu aprendizado de latim, a *declamatio*, “dispõe de todos os artifícios da retórica, da ironia ao pastiche, da encenação à paródia” e desconcerta o leitor da *Utopia* que não adota “a distância estética indispensável à inteligência do texto” (PRÉVOST, 1978, p. 37). Segundo Lestringant, “termo ao mesmo tempo mais largo e mais técnico do que aquele de ‘paradoxo’, a declamação tem por objeto o ‘real irreal’. É no espaço movente da declamação, em que a ficção não se sustenta senão denunciada e afirmada ao mesmo tempo, que podemos pôr em fila a *Utopia* de Morus, o *Elogio da Loucura* de Erasmo, as navegações de Pantagruel e vários capítulos dos *Ensaio*s de Montaigne, como *Dos canibais* ou *Dos coches* (2006, p. 158).

3 Segundo a expressão é de Goyard-Fabre (1987, p. 17).

Este instrumento crítico, que, para Prévost, constitui um instrumento de trabalho para as ciências humanas, é o *método utópico* que, por sua força, é capaz de despertar “a imaginação criadora e o desejo de transformar o mundo” (1971, p. 167). Método paradoxal, que, ironicamente, age pela descrição de instituições irrealizáveis.

### **A intertextualidade de *A terra austral conhecida***

Na descrição detalhada da modelar sociedade austral, antípoda em relação à setentrional, percebemos que o autor discute um leque de questões prementes de sua época, concernentes principalmente à política, à religião e à filosofia, e dialoga com inúmeras obras, citando-as de modos variados.

Não há texto que não se refira a uma cultura (literária, filosófica, geográfica, religiosa etc.) que, quando partilhada entre autor e público, evidencia o caráter intertextual de toda obra literária. O termo “intertextualidade” engloba uma grande variedade de conceitos e de procedimentos literários. Na crítica literária, de Guez de Balzac, no século XVII (1972), a Antoine Compagnon (1973), passando por Gérard Genette (1982) e Harold Bloom (2002), são usados diversos termos para definir as relações intertextuais: “anamorfose, aplicação, citação, colagem, comentário, cópia, *détournement* [distorção, recombinação], explicação, correção, imitação, modelo, palimpsesto, paráfrase, paródia, pastiche, plágio, prolongamento, referência, retomada, tradução, transposição, variação, *clinamen* (prolongamento da obra anterior) et *tessera* (fragmento que provoca a reconsideração da obra anterior)” (BEUGNOT, 2007, p. 446). Essa simples enumeração evoca a amplitude dos debates acerca do conceito de intertextualidade e suas implicações, que não discutiremos no âmbito deste artigo. Privilegiaremos aqui a noção de intertextualidade enquanto citação, tal como definida na época de Foigny por Paul Pellisson. Em carta datada do ano de 1650, a seu amigo Donneville, ele discerne quatro tipos de citação (apud BEUGNOT, 2007, p. 447):

- a que prova ou reveste de autoridade o que é dito;
- a citação acessória, que visa causar uma agradável surpresa no leitor;
- a citação que, colocada em um contexto diferente do original, tem seu sentido inicial alterado;
- a citação em forma de divisa, “alma” de um texto ou de uma gravura, cuja interpretação pode variar.

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

---

113

É certo que essas “funções” podem somar-se em um mesmo texto, formando um mosaico de textos que compete ao leitor identificar e interpretar.

É tendo em vista essas definições, contemporâneas do nosso autor, que examinaremos a relação de *A terra austral conhecida* com cinco tipos de textos nela citados explicita ou implicitamente: a) utopias, b) relatos de viagens, c) cosmografias<sup>4</sup>, d) textos bíblicos e, por fim, e) filosóficos<sup>5</sup>. Não referiremos exaustivamente todos esses textos, apenas o suficiente para revelar algumas das referências culturais da utopia de Foigny. Para uma análise das fontes de *A terra austral conhecida*, ver Bayle (1995), Bovetti-Pichetto (1977), Ronzeaud (1981), Kuon (1987), Consarelli (1990), Racault (1991 e 2003), Trousson (1999)<sup>6</sup>.

a) Utopias

O narrador da parte inicial da utopia de Foigny, *Ao leitor*, relata:

[...] encontrei uma espécie de livro feito de folhas, de meio pé de altura, seis dedos de largura e dois de espessura: era um resumo de suas aventuras, parte em Crin, na terra austral, parte em Madagascar, escrito em latim. (2011, p. 63).

Esse livro contém a descrição da terra austral e a narração de partes da vida do protagonista, Nicolas Sadeur: de seu nascimento aos acontecimentos que o levaram à terra austral e que permitiram seu retorno às terras setentrionais, as quais ele diz pretender “edificar” por meio de sua história.

Não há citações diretas a utopias em *A terra austral conhecida*, mas é plausível imaginar que seu autor tenha tido alguma notícia da *Utopia* de Morus, da *Cidade do Sol* de Campanella ou ainda de outras utopias

4 Por cosmografia se entendia o estudo do mundo conhecido e de seu lugar no universo: “O trabalho do cosmógrafo (que era ao mesmo tempo geógrafo, astrônomo, matemático e até filósofo) consistia em contextualizar e explicar as manifestações visíveis do universo” (LESTER, 2010, p. 20).

5 Não se sabe ao certo que autores Foigny leu, pois não se tem praticamente nenhuma informação a respeito de seus anos de formação, não foi encontrado nenhum inventário de seus livros, tampouco foi feito um estudo sobre o material eventualmente à sua disposição nas bibliotecas que ele pode ter frequentado, públicas ou privadas, francesas e helvéticas.

6 Ver também as introduções e notas das edições francesa (RONZEAUD, 1990), italiana (BOVETTI-PICHETTO, 1978) e inglesa (FAUSETT, 1993) de *A Terra Austral conhecida*, e o artigo de WELCH (2006).

francesas<sup>7</sup> pelo simples fato de que a utopia de Foigny possui as principais características do paradigma utópico. São elas:

- a descrição de uma alteridade social, que funciona como termo de comparação e permite a discussão dos problemas da comunidade política de seu autor, em forma essencialmente dialógica,
- o papel estruturante do viajante e de seu guia utopiano,
- o insularismo (metafórico, no caso da terra austral),
- o regime autárquico,
- a perpetuação de um estado de coisas ideal,
- a uniformidade social e individual (garantida pela natureza humana ideal e reforçada pela pedagogia) e a uniformidade urbanística, expressas pela onipresença do geometrismo e da simetria em cada aspecto da vida austral,
- o coletivismo quase absoluto,
- a ausência de instituição religiosa e a presença do deísmo,
- o ascetismo,
- a natureza modelada em paisagens artificiais.

*A intertextualidade em "A terra austral conhecida" (1676), de Gabriel de Foigny*

---

115

Na utopia de Foigny, essas características paradigmáticas apresentam-se desenvolvidas e mescladas às particularidades de outros gêneros – relatos de viagens, contos filosóficos, memórias, cartas e ficções históricas – gêneros que, no panorama literário do século XVII, se sobrepõem ao romance heroico baseado na epopeia e, gradativamente, passam a predominar<sup>8</sup>.

Indiretamente presente no texto de Foigny, a *Utopia* de Morus é o modelo subjacente à *A terra austral conhecida*, que legitima o texto moreano enquanto paradigma. Por outro lado, a referência, ainda que indireta, ao *libellus aureus*, empresta ao texto genebrino a autoridade de um texto celebrado pelos humanistas.

---

7 Foigny pode ter conhecido *A Ilha dos Hermafroditas* (1605), de autoria atribuída a Artus Thomas, a *Histoire comique des États et Empires de la Lune* (1657) e a *Histoire comique des États et Empires du Soleil* (1662) de Cyrano de Bergerac, a *Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil* (1616), de I.D.M.G.T., o *Nouveau Cyné* (1623), de Éméric Crucé, *Épigone* (1659), de Michel de Pure, para citar apenas algumas utopias de língua francesa de sua época. Ele também pode ter tido conhecimento de *Alector ou le Coq* (1560), de Barthélemy Aneau (no qual há um capítulo dedicado à descrição de uma cidade imaginária, Orbe) e de alguns livros de Rabelais, como *Gangantua* (1532), onde descreve a utópica abadia de Thélème, o *Quart Livre* (1548) e *Cinquème Livre* (1564), povoados de comunidades alegóricas.

8 Sobre a utopia francesa no século XVII, ver RACAULT, 1991 e 2003 e CHUPEAU, 1977.

b) Relatos de viagens

Relatos de viagem são citados explicita ou implicitamente ao longo da utopia de Foigny, provocando um efeito de verossimilhança. Esse efeito, porém, é por vezes contradito no próprio texto, que mescla referências ao real e ao irreal, verismo e fantasia. Juntamente com as utopias, os relatos de viagem constituem uma base essencial, de onde proveio o modelo narrativo de *A terra austral conhecida*: descrição detalhada de lugares aos quais se chega após uma viagem (ou naufrágio) e narração em primeira pessoa<sup>9</sup>. Vários deles são citados pelo narrador do prefácio (“Ao leitor”), que apresenta o relato de Sadeur como a esperada descrição pormenorizada do Quinto Continente, no qual nenhum europeu até então pisara. Para melhor dimensionar a relevância da descoberta – e legitimar tanto a ficção da moldura narrativa (o editor que publica um manuscrito) quanto o próprio relato de Sadeur – ele repassa as viagens já realizadas às regiões austrais. Cita os relatos de Marco Polo<sup>10</sup> e de Fernandes Galego<sup>11</sup>, que descobriram algumas ilhas austrais, cita Magalhães<sup>12</sup>, que alcançou “dependências da América” (a Terra do Fogo), Gonneville<sup>13</sup>, que desembarcou em incertas costas austrais, não descritas, e, por fim, o relato da viagem de Fernandez de Quir (ou Queiroz)<sup>14</sup>, único entre os citados que conseguiu chegar ao continente desconhecido e, pela primeira vez, descrevê-lo – ainda que sumariamente.

É verdade que, comparando o relato do português Fernandes de Queiroz com a descrição que seguirá, somos obrigados a reconhecer que, se alguém dela se aproximou, essa honra lhe é devida mais do que a todos os seus predecessores. Lemos em sua oitava Petição a Sua Majestade Católica que, quando de suas des-

9 Ver MINERVA, 1995.

10 O relato de Marco Polo foi editado nas compilações de relatos de viagem editadas e reeditadas com grande sucesso por Théodor de Bry (1590-1634), Pierre Bergeron (1629) e Thévenot (a partir de 1663).

11 O continente austral desenhado por Ortelius (1570) e por outros cartógrafos do século XVI teria sido baseado nas informações fornecidas por Fernandes Galego. Foigny pode ter sabido desta viagem pela leitura da *Historia general* de Herrera (1601-1615).

12 A viagem de Magalhães foi descrita por Antonio Pigafetta e publicada na compilação de De Bry.

13 Foigny pode ter tomado conhecimento da viagem do capitão François Binot Paulmier de Gonneville pela leitura do relato do cônego de Saint Paul de Lisieux, Jean Paulmier de Courtonne, *Mémoires touchant l'établissement d'une mission chrestienne dans le troisième monde autrement appelé La Terre Australe, Méridionale, Antarctique et inconnue. Dedié à notre S. Père le pape Alexandre VII. Par un ecclésiastique originaire de cette même terre* (1663). Sobre este texto, ver D'AVEZAC (1869), ARARIPE (1889), LINON (1990), PERRONE-MOYSÉS (1992) e MELLO (2005).

14 O relato de Queiroz foi publicado na *Dixième partie de l'Asie*, publicada na coletânea de De Bry em 1613 e em 1634, ou ainda no *Mercure François* de 1617.



cobertas feitas no ano de 1610, ele viu na terra austral regiões que superam a Espanha em fertilidade, com numerosos habitantes de humor alegre, afável e gentil, um comportamento naturalmente inclinado à gratidão, porte austero, corpo mais largo e mais alto que os nossos, saúde estável e vida longa, admirável destreza em fazer uma quantidade de coisas, particularmente jardins, barcos e tecidos.

Vaz de Torres era almirante da mesma frota e confirmou o relato de Queiroz ao Conselho de Espanha, acrescentando que essas paragens têm um ar tão salubre e tão conforme à constituição do homem que se pode deitar sobre a terra nua sem nenhum incômodo (ele e seus soldados, sob Sol ou Lua, assim dormiam confortavelmente). As frutas são tão nutritivas e tão excelentes que bastam para o sustento, bebe-se lá um licor mais agradável que nossos vinhos, não se sabe o que seja o uso de roupas e as ciências naturais são tidas em grande estima. Eis o resumo do relato desses dois personagens, cuja memória só pode ser gloriosa, e o que segue mostrará que, se eles não percorreram essas vastas regiões, delas aproximaram-se consideravelmente. Um resumo que não passa, porém, de um vago esboço, que atença mais do que satisfaz a curiosidade, pois nada mais detalha. (FOIGNY, 2011, p. 59-60).

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

117

Do relato de Queiroz, Foigny retoma a localização e as qualidades da terra austral, de seu povoamento intenso, a descrição de seus habitantes, detalhes como a presença de tecidos e barcas, e a ausência de vermes e de animais nocivos. Mas é preciso nuançar esta citação, já que tanto Foigny quanto Queiroz seguem a lógica da descrição de sítios paradisíacos composta de lugares-comuns, como a ausência de animais danosos ou o costume de andar nu. Ao lado destes lugares-comuns, a presença de detalhes que fogem à convenção tem uma importância narrativa: reforçar a verossimilhança, convencendo o leitor de que o que ele está lendo foi efetivamente vivido e visto pelo narrador.

Em sua utopia, Foigny leva ao paroxismo as descrições de sociedades recém-descobertas pelos europeus, descritas como paradisíacas. A autossuficiência austral resulta na ausência de chefe temporal ou espiritual, ou de qualquer tipo de representação política ou religiosa – mais precisamente, na própria ausência de política e de religião. A terra austral

constitui-se no paradigma de uma sociedade racional, anárquica e comunista, que não apenas contrasta radicalmente com as sociedades francesa ou suíça da época, como também anuncia a “ameaça que é o racionalismo para uma sociedade de ordens” (LEIBACHER-OUVRARD, 1984, p. 295).

A propedêutica escala de Sadeur no Reino do Congo, que precede sua chegada à terra austral, pode ter sido elaborada a partir da leitura da *Cosmografia universal* de André Thevet (1575), das *Relazioni universali* (1591-1596) de Botero, e do relato de Antônio Pigafetta e Duarte Lopez, publicado em 1598 na coletânea de relatos de viagem de De Bry (com uma segunda edição latina em 1624). Foigny utiliza estes e, possivelmente, outros relatos<sup>15</sup>, de duas maneiras particularmente interessantes: primeiramente, para contestar e corrigir informações (como a de que há muitos crocodilos no rio Nilo), operando assim uma “hipercrítica” que acaba por criar um efeito de verossimilhança e por colocar sua obra numa relação de continuidade com os relatos verdadeiros; em segundo lugar, para criar, a partir da mistura de elementos banais e prodigiosos, uma realidade maravilhosa, grotesca e inverossímil.

Informe-me com muito cuidado sobre onde ficavam os crocodilos que os historiadores põem em grande quantidade nesses lugares, mas, como não entenderam a que eu me referia, constatei que aquelas eram histórias extravagantes feitas para assustar os simples e dar ocasião aos oradores para tecerem comparações segundo suas intenções. Se é verdade que, aos que fizeram longas viagens, é permitido incrementá-las junto aos que conhecem apenas o próprio local de nascimento, é ainda mais verdadeiro afirmar que eles se valem tanto dessa licença que contam praticamente apenas coisas inventadas. (FOIGNY, 2011, p. 84).

Foigny chama de mentirosos os historiadores que inventam criaturas e relatos fabulosos mas, como mostra o exemplo abaixo, “lucianicamente”, ele mesmo faz exatamente o que condena:

---

15 Foigny pode ter tido acesso a uma obra sobre a África publicada na compilação de Thévenot (1663-1672), *Les Relations de Voyage sur Le Nil et dans l'empire des Abyssins, autrement du Prestre Jean faite sur les lieux par les PP. Manoel d'Almeida, Alfonso Mendes, Pero Pays & Jeronimo Lobo qui y ont demeuré longtemps* ou ainda a relação impressa na compilação de De Bry de 1623, *Samuelis Brundinid, civis et chirurgi basileensis, prima navigati africana*.

A maioria dos historiadores coloca uma quantidade de monstros nessas regiões, porém, sem outro fundamento a não ser o relato dos que os inventaram. Todas as nossas buscas serviram apenas para descobrir a origem de uma nação vizinha, que os europeus chamam de 'Cafres' e os nativos, 'Tordi'. Soubemos então que um homem do país, tendo criado uma pequena tigresa, tão íntimo se tornara desse animal que o amou carnalmente, cometendo um crime infame, do qual surgiu um homem monstro que deu origem a esses selvagens que não podem humanizar-se. Uma prova decisiva dessa história é que suas faces e corpos se assemelham aos dos tigres e seus corpos não são desprovidos de várias manchas semelhantes às desses animais. (FOIGNY, 2011, p. 86-87).

*A intertextualidade em "A terra austral conhecida" (1676), de Gabriel de Foigny*

119

A passagem de Sadeur por Madagascar, que precede seu retorno à Europa, pode ter sido composta a partir dos relatos de viagem de François Cauche (1651)<sup>16</sup>, Étienne de Rozet, sieur de Flacourt (editado em 1658 e em 1661)<sup>17</sup>, Rennefort (1668)<sup>18</sup> e Du Bois (1674)<sup>19</sup>. O elemento mais importante desta última parte não é, porém, a descrição de uma terra "íngrata e malsã", "mal habitada e pouco cultivada", mas sim a descrição de um povo guiado pelas paixões, antítese tanto dos congolese quanto dos austrais, e mais próximos dos europeus.

A terra desta região é ingrata e, ainda, malsã, ao que pude julgar. Vive-se, neste lugar, apenas de víveres trazidos de outros lugares; os nativos que não são escravizados não têm casa fixa, não fazem provisões e são guiados apenas pelos seus desejos. (2011, p. 232).

### c) Cosmografias

Nenhuma característica é mais natural ao homem do que o desejo de perscrutar o que julga difícil e compreender o que a muitos parece inacessível. Nasceu com essa paixão, da qual dá provas lançando-se continuamente em novos projetos; até subir aos céus ele quer, e, como se não bastasse raciocinar e discorrer sobre as pro-

<sup>16</sup> *Relation du voyage que François Cauche, de Rouen, a fait dans l'île de Madagascar, autrement dit Saint Laurent, îles adjacentes et côtes de l'Afrique.*

<sup>17</sup> *Histoire de la grande île Madagascar.*

<sup>18</sup> *Relation du premier voyage de la Compagnie des Indes orientales en l'isle de Madagascar ou Dauphine.*

<sup>19</sup> *Les voyages faits par le sieur D. B. aux Isles Dauphine ou Madagascar, et Bourbon, ou Mascarenne.*



priedades das estrelas, esforça-se em aprofundar-se nos segredos da divindade. Essas considerações levam muitos a se espantar ao constatar que, embora há 400 ou 500 anos não cessemos de supor a existência de uma terra austral desconhecida, ninguém tenha até hoje mostrado coragem e tomado as providências necessárias para torná-la conhecida. (FOIGNY, 2011, p. 57).

Ana Cláudia  
Romano Ribeiro

120

Os primeiros cosmógrafos modernos a exaltarem as qualidades da terra austral foram Thevet (*Cosmographie universelle*, 1575), Guillaume Postel (*Cosmographicae disciplinae compendium*, 1561) e Henri Lancelot-Voisin de La Popelinière (*Les trois mondes*, 1582). O livro de La Popelinière indica a dimensão do interesse crescente despertado pelo continente austral. Ele não apenas descreve, do ponto de vista da história e da geografia, da antiguidade a seus dias, o mundo conhecido e o mundo incógnito – ou seja, a terra austral desconhecida, que ele imagina tão atraente quanto a América<sup>20</sup> – como também incita seus compatriotas a colonizá-la, compensando desta forma seu atraso em matéria de expansão marítima (em relação a portugueses, espanhóis e ingleses).

Se Foigny leu esses cosmógrafos, não se sabe. Os únicos cosmógrafos explicitamente citados na *Terra austral conhecida* são Ptolomeu e Renty. Deste, o autor do prefácio cita a *Cosmografia* (1657), que resume o estado das descobertas austrais da época de Foigny:

Falaremos agora da quinta parte do mundo. Mas, como ainda não foi descoberta, não se pode dizer a seu respeito nada de seguro. Não se sabe nem mesmo se é uma terra firme ou uma ilha destacada do continente, se é habitada por homens ou por animais selvagens, se o clima é insuportável, como no Pólo Ártico, ou se é temperado, graças à conjunção de algum astro. Tanto é verdade que esses países estão indicados nos mapas com o nome de terras desconhecidas, porque os mais corajosos ainda não ousaram penetrá-los. Também são chamados de Terras Austrais, por causa de sua posição, porque estão mais próximos do Sul (1657, t. II, p. 28, apud Bovetti-Pichetto, 1978, trad. minha).

20 La Popelinière descreve a terra austral como “rica e bela”, “repleta de todo tipo de bens e de coisas excelentes” (1997, p. 401 e 417).



O relato de Foigny tem, portanto, a intenção ficcional de completar uma lacuna geográfica de seu tempo. Também são conformes à *Cosmografia* de Renty as concepções acerca do geocentrismo e do clima; porém, tomando liberdade em relação às informações às quais tem acesso, Foigny acrescenta outros dados e raciocínios por vezes fantasiosos – e por vezes obscuros – para justificar a perfeição austral.

A fusão de elementos imaginários e reais, extraídos dos relatos de viagens e das cosmografias, certamente contribuiu para que o relato de Sadeur fosse tomado por verdadeiro nos séculos XVII e XVIII<sup>21</sup>.

#### d) Textos bíblicos

Textos bíblicos são parodiados ao longo da utopia de Foigny, sendo o principal deles o relato bíblico da criação que se encontra no *Gênesis*, conforme sugere o depoimento do próprio Foigny, durante o processo ao qual sua utopia foi submetida<sup>22</sup>. A paradisíaca terra austral remete a algumas interpretações “heterodoxas” do problema da criação do homem (e do mundo), mais particularmente, à hipótese de que Deus criara um Adão andrógino, ou ainda, homens “pré-adâmicos”, completos (bissexuados), conforme sugere Pierre Bayle no verbete “Sadeur” do seu *Dictionnaire historique et critique* (1696-97).

Observando essa gente, diríamos facilmente que Adão não pecou, pois são o que nós teríamos sido sem aquela fatídica queda.  
(FOIGNY, 2011, p. 131).

O reino do Congo também é uma espécie de paraíso onde a natureza é tão generosa e benfazeja que exime o homem de qualquer necessidade de cultivá-la para seu sustento. Entretanto, é justamente esse estado de perfeição natural a tornar os congoleses inertes, de onde o narrador conclui, à maneira de uma parábola, que o homem, sem trabalho, torna-se “pedra”. O valor moral do trabalho (e da vontade hu-

21 Pierre Bayle dedicou a Sadeur um verbete de seu *Dictionnaire historique et critique* (1696-1697), tratando-o como o autor de *Nouveau Voyage de la Terre Australe* (ele cita uma cópia não autorizada da edição de 1692, publicada na Holanda em 1693), assim como fizera o *Journal des Savants* na resenha deste livro publicada em 1692. Moréri, na edição de 1732 de seu *Grand dictionnaire historique*, após ter resumido as peripécias da vida de Sadeur em um verbete epônimo, atribui seu relato sobre a terra austral a Foigny, mas conclui que “não se pode saber se Sadeur é um homem verdadeiro ou imaginado”.

22 A *Terra austral conhecida*, explica Foigny aos juízes da Venerável Companhia, não seria mais do que “a explicação do livro do Gênesis” (apud LACHÈVRE, 1968, p. 47).



mana) será ilustrado na terra austral, um paraíso aperfeiçoado pelos hermafroditas austrais (que aplainaram suas montanhas, extinguíram espécies nocivas, estabeleceram um rígido controle demográfico etc.).

O episódio que precede a chegada de Sadeur a Madagascar encerra outra paródia. Levado a uma ilha e capturado por nativos, ele torna-se vítima de um sacrifício ritual enigmático, durante o qual parecem querer beber seu sangue e comer sua carne. Mais de um estudioso de *A terra austral conhecida* interpretou este episódio como uma possível referência metafórica ao relato bíblico da crucificação de Cristo e ao sofrimento que leva a uma vida melhor.

Ana Cláudia  
Romano Ribeiro

122

A multidão que se reuniu para essa solenidade era tamanha e tão numerosa que enchia uma grande praça, no meio da qual eu me encontrava amarrado sobre uma espécie de cadafalso de 30 pés de altura. Ouvia apenas vozes confusas e alegres de exclamação quando quatro notáveis se aproximaram com algumas hastes finas e me espetaram muito levemente. Após terem enchido pequenos cálices com meu sangue, eles se voltaram para o povo, fizeram certos gestos misturados a algumas palavras e beberam tudo o que haviam tirado, até a última gota, com sinais de alegria. Em seguida, dois dos mais fortes carregaram-me sobre seus ombros, colocando uma coxa sobre um e a outra sobre outro. Dois jovens os precediam com as quatro hastes finas e os quatro cálices dos quais os primeiros tinham se servido. Penso que tinham a intenção de me fazerem ser espetado por todos, para que todos pudessem provar do meu sangue ou da minha carne, enquanto ela durasse. (FOIGNY, 2011, p. 228).

As citações bíblicas são, em geral, assimiladas ao texto e algo modificadas. É o caso da que se encontra no capítulo dedicado à religião austral: Sadeur hesita em revelar sua crença em um Deus “morto e ressuscitado” para a salvação dos mortais, já que seu interlocutor, um ancião austral, contestara vários pontos do cristianismo previamente apresentados. Então, parafraseando *Mateus 7:6* (“Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem aos pés e, voltando-se, vos despedacem.”), diz que continuar a explicar-lhe o cristianismo seria como “apresentar pedras preciosas a cegos”. Isso é dito, no entanto, ao fim do capítulo que uma aná-



lise mais atenta revela ser uma apologia do deísmo e, ao mesmo tempo, uma crítica radical do cristianismo, defendido sem muita convicção e por meio de argumentos fracos. Logo, a citação bíblica perde toda força retórica que poderia ter, e seu uso culmina num efeito de ironia.

e) Textos filosóficos

As possíveis citações de textos filosóficos são numerosas e indiretas, e se concentram principalmente nos capítulos VI, “Da religião dos austrais” e VII, “Dos sentimentos dos austrais sobre esta vida”, nos quais Sadeur e Suains (o guia austral) tratam, em forma dialógica, algumas das questões centrais do debate teológico e filosófico do século XVII.

Para os austrais, Deus existe e é o criador do mundo e das leis naturais, que garantem sua perpetuação – tema já tratado por Malebranche, Bérulle, Descartes e Guillaume Lamy. O conhecimento de Deus é natural e resulta de uma evidência intuitiva, ideia essa que se encontra em muitos pensadores não materialistas do século XVII como Pascal, Gassendi, Descartes (especialmente na *Méditation Troisième*), Malebranche e La Mothe le Vayer. Esse Deus, porém, é inacessível aos homens, ideia desenvolvida nas *Méditations* de Descartes, no *Dialogue sur la divinité* de La Mothe le Vayer, em *La Recherche de la Vérité*, de Malebranche, e presente no pensamento jansenista e cético. Bayle trata deste tema nos verbetes “Sadeur” e “Socin” de seu *Dictionnaire*. Pascal concebe um deus *absconditus*, incompreensível, incomensurável e irredutível à lógica humana, semelhante ao deus austral, de quem os hermafroditas nunca falam.

A religião é, para os austrais, o tema mais delicado e secreto; é crime inaudito falar de religião, disputando ou explicando. Cabe às mães, ao transmitirem aos filhos os primeiros conhecimentos, incutir-lhes a noção do *Haab*, ou ‘o Incompreensível’. Supõem-no ubíquo e honram-no em todo o país, com todos os respeitos imagináveis; a juventude é educada a adorá-lo sem pronunciar uma palavra sobre ele, pois é convencida da impossibilidade de discorrer sobre suas perfeições sem ofendê-lo. Por tudo isso, pode-se dizer que sua grande religião é não falar de religião. Como sempre tive o maior respeito por ela, vivi durante muito tempo em grande inquietude por não ver nenhuma cerimônia e não ouvir nenhum discurso sobre Deus. (FOIGNY, 2011, p. 138).

A intertextualidade em  
“A terra austral conhecida” (1676),  
de Gabriel de Foigny

---

123

O tema do silêncio sobre a divindade foi desenvolvido por La Mothe le Vayer em seu *Dialogue sur la Divinité*, que coloca o conceito céptico grego da afasia, ou silêncio filosófico sobre o que não se pode compreender, ao lado do de ataraxia, a completa ausência de qualquer perturbação mental.

O tabu austral do silêncio a respeito de assuntos religiosos austrais leva à ideia de tolerância, já que os austrais ficam livres para pensar sobre a divindade do modo que julgarem melhor. Suains defende aqui a liberdade de pensamento, ideia cara a muitos pensadores do século XVII como John Locke (*Epistola de Tolerantia ad clarissimum Virum*, 1689). A ideia de liberdade de consciência também era cara a Pierre Bayle que, como Foigny, passou do calvinismo ao catolicismo, retornando pouco tempo depois ao calvinismo, e que escreveu a favor da tolerância religiosa. Tanto em Foigny quanto em Bayle há a noção de que a virtude civil não está vinculada a nenhuma religião, e ambos criticam o cristianismo por ter fomentado a fratura social.

‘Responde-me positivamente e claramente’, retomou súbito, ‘pensais todos do mesmo modo sobre esse Princípio primeiro?’. Confessei que de fato as conclusões eram muito divergentes, o que causava desprezo e ódio, de onde nasciam guerras, morticínios e outras consequências nefastas.

Esse bom ancião replicou com muita simplicidade que, se eu tivesse respondido de outra maneira, ele interromperia a conversa e me desprezaria, pois é uma consequência necessária que se fale em modos diversos de uma coisa incompreensível. ‘É preciso ser audaz para querer ignorar um primeiro Princípio, mas é preciso ser infinito como ele para dele poder falar sem falhar, porque supomos que ele seja incompreensível. Daí decorre que, quando nos preparamos para iniciar a discussão, dado que somente podemos conjecturar, acabamos mais por satisfazer o próprio espírito, afastando-nos da verdade; e, como nessas considerações somos mais do que cegos, é desculpável que uns pensem de uma maneira e outros, de outra. Esse é o motivo que nos obriga a não falar dele, pois estamos convencidos de que não saberíamos falar sem falhar. As assembleias que organizamos no *Haab* têm como objetivo reconhecê-lo e adorá-lo, mas com a regra inviolavelmente observada de



não se pronunciar nenhuma palavra, deixando a cada um a liberdade de pensar no que seu espírito lhes sugerir. Essa conduta é o motivo pelo qual estamos sempre unidos e somos sempre respeitosos quando proferimos seu nome, algo impossível se nos puséssemos a discorrer livremente sobre ele — aquele que penetra num precipício expõe-se necessariamente à morte’. (FOIGNY, 2011, p. 141-142).

Para Chinard e Vernière, é muito provável que Foigny tenha lido o *Tratado teológico-político* de Espinosa, publicado em 1670, cujas teses foram amplamente difundidas nos meios intelectuais protestantes antes de 1676<sup>23</sup>. Nos quatro últimos capítulos do *Tratado*, dedicados à política, Espinosa defende a liberdade de pensamento e de expressão, inclusive religiosa, assegurando que ela em nada é prejudicial ao Estado<sup>24</sup> e que “um Estado, para ser bom, deve conceder aos indivíduos a mesma liberdade de filosofar que a fé, tal como vimos, lhes concede” (1988, p. 369).

O interlocutor austral se surpreende com a descrição do Deus da religião de Sadeur: arbitrário e injusto, movido por paixões, semelhante ao homem. Muitos dos chamados “libertinos eruditos” desenvolveram essa tópica baseando-se nos argumentos já usados pelos antigos: La Mothe le Vayer cita Epicuro, e a maioria deles cita o coro das *Troianas* de Sêneca. De forma satírica, este tema foi tratado por Cyrano na *Mort d’Agrippine* e na *Viagem à Lua*, e por Veiras na sua *Histoire des Sévarambes*. Os *Quatrains du déiste*, anônimo, publicado no início do século XVII, também criticavam tal imagem de Deus e não apenas isso: colocavam em questão a própria Revelação, a crença nos milagres e a aceitação cega de práticas tradicionais. No século XVI, Montaigne, Charron, e depois deles Naudé e Poullain de la Barre, já haviam mostrado como a tradição era insuficiente para garantir a verdade de uma prática, e como o fato de ser antiga por si só não bastava como justificação racional de seu valor.

23 Para Vernière *La Terre Australe connue* não é mais do que “um resumo grosseiro, extremo e por vezes pouco hábil das teses essenciais do *Tractatus*” (1982, p. 215); para Gilbert Chinard, “Foigny se inspira, muito provavelmente, diretamente de Espinosa” (1913, p. 115).

24 Ideia já presente no subtítulo da obra: “Contendo algumas dissertações em que se demonstra que a liberdade de filosofar não só é compatível com a preservação da piedade e da paz como, inclusive, não pode ser abolida sem se abolir ao mesmo tempo a paz do Estado e a própria piedade”.

[...] estavam fortemente persuadidos de que o próprio Deus se revelara a alguns dos seus, comandara que o escutassem e que acreditassem nele como em sua própria pessoa, sem, todavia, forçar ninguém, e esperando a morte de cada um para recompensar os crentes e castigar os incrédulos.

‘Mas como crer’, continuou, ‘que o *Haab* tenha preferido falar a uns e não a outros? E de onde poderia provir a predileção por essas pessoas e o fato de que os prefira a ponto de favorecê-los com suas luzes?’.

Respondi que os milagres feitos por essas pessoas eram provas seguras de que Deus se tornara mestre de suas vontades para que fizessem o que lhe agradasse; cabia à criatura adorá-las e submeter-se.

Perguntou-me ‘como se podia saber que esses milagres tinham acontecido, visto que outros, de crença contrária, não os aceitavam’, e eu expliquei que essa crença era transmitida de pai para filho.

‘Se é assim’, recomeçou, ‘a religião que observam não se funda nem na palavra de Deus, já que discutem entre si se é verdadeira ou não, nem em milagres que a confirmem, já que nenhum dos crentes pode gabar-se de tê-los testemunhado; os outros, que não creem, rejeitam-nos, considerando-os invenções. Consequentemente, sua religião se funda exclusivamente na credulidade daqueles que se deixam mais facilmente persuadir’.

Respondi que eram poucos os que não acreditavam nas mesmas revelações, mas que a diversidade das religiões provinha das diferentes interpretações que lhes dávamos.

‘Interrompamos esse argumento’, recomeçou, tu te confundes e incorres em erro sobre erro por querer explicar-te demais. Se tudo o que dizes pudesse ser verdade, tua nação pareceria ser formada por pessoas que têm luzes apenas para vislumbrar precipícios inevitáveis e para, necessariamente, serem infelizes. O que dizes prova que elas sabem entrever um primeiro ser, mas esse conhecimento serve somente para dividi-las, atormentá-las e dar-lhes mil falsas ideias sobre esse Soberano; consideram-no parcial, julgam suas revelações obscuras e dependentes de explicação, consideram-no indiferente a todas as disputas feitas em nome de sua glória, julgam-no cruel por, ao final, condenar

os que com mais empenho trabalharam para agradá-lo, caso aconteça de não terem interpretado corretamente suas vontades. Todos esses procedimentos são apenas ardis indignos em se tratando de um Ser Supremo que necessariamente só pode agir com toda a prudência e toda a sabedoria. Quanto a nós, reconhecemos a supremacia e a total soberania dessa primeira Causa. Deduzimos, mediante os nossos raciocínios, que, como todas as criaturas são igualmente suas, ele as considera com o mesmo olhar e a mesma afeição. Enfim, estamos convencidos de sermos tão pouca coisa em relação a ele que não merecemos que faça caso de nós, nem que de algum modo nos considere.

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

Da escola de Pádua a Fontenelle, passando por Vanini, Charron (*De la Sagesse*), Naudé, Cyrano, Bayle (*Discours sur la Comète*), Saint-Evremond (*Histoire du prophète irlandais*), J.-B. de Rocoles (*Imposteurs Insignes*) e Fontenelle (*Discours sur l’Histoire, Histoire des Oracles*) – cito apenas alguns – são muitos os autores que estudaram o problema do milagre, com conclusões nem sempre convergentes. Eles estenderam a crítica aos milagres atribuídos a Cristo e aos santos, acusando-os de serem produtos da superstição popular e de insídias maquiavélicas dos funcionários da igreja.

A condenação da crença em um Deus que intervém na existência humana a pedido do homem, por meio da oração, se encontra em vários textos libertinos, unânimes em considerá-la uma quimera antropocêntrica. Entre eles estão os *Quatrains du déiste* e a *Histoire des Sévarambes* de Veiras, que retomam muitos dos argumentos de Epicuro. Também recorrente é a condenação da iniquidade da eleição divina de uns pouco escolhidos. La Mothe le Vayer, no *Dialogue sur la divinité*, retoma os argumentos de Epicuro, presentes nos *Quatrains du déiste*; Cyrano trata deles ironicamente em sua *Viagem à Lua*: “fingir que ele [Deus] tenha desejado brincar entre os homens de esconde-esconde, fazer como as crianças: ‘um, dois, três, Deus’, isto é, ora mascarar-se, ora desmascarar-se, disfarçar-se para alguns para manifestar-se a outros, significa forjar-se um Deus tolo ou malicioso” (2007, p. 121).

O confronto entre o Deus abstrato e universal dos deístas, conhecido por suas realizações, e o Deus particularizado dos cristãos, conhecido pela Revelação, é o ponto principal da oposição entre Sadeur e Suains. A pressuposta manifestação da verdade divina aos homens foi largamente criticada por Maquiavel, Bonaventure des Périers, Bodin,

127

Vicomercato, Pomponazzi, Cardano, Vanini, Charron, Théophile de Viau, Des Barreaux, Naudé, La Mothe le Vayer, Cyrano, Saint-Evremond, Geoffroy Vallée, Bayle, além dos autores dos manuscritos clandestinos *Theophrastus Redivivus* e *Traité des trois imposteurs*.

O atomismo, muito discutido no século XVII francês, “era – lembra Michèle Porte – antes de tudo, desde Epicuro, a única doutrina filosófica laica do ocidente. Era uma grande máquina teórica montada para abater os deuses, quaisquer fossem eles.” Em poucas palavras, “a teoria atomista levava a questionamentos religiosos essenciais” (1988, p. 209). O texto de Foigny, porém, parece se referir mais a Lucrecio e a Cyrano de Bergerac, do que às fontes gregas ou aos importantes comentadores do atomismo de seu tempo, Pierre Gassendi e Guillaume Lamy.

O capítulo VI, “Da religião dos austrais” (p. 138-141), expõe brevemente três aspectos da cosmogonia atomística. Suains, o ancião austral, apresenta e, aparentemente, refuta duas teses da cosmogonia atomística: a eternidade da matéria e sua origem fortuita. Para ele, atribuir à matéria uma origem fortuita, devida ao “encontro de vários pequenos corpos”, ou seja, “a casos fortuitos”, é dispensar o Criador de qualquer responsabilidade pela criação do mundo, “é imputar à criatura o que pertence somente ao Criador” – acusação que, em outro contexto, ecoa a que faz Agostinho contra a concepção libertariana de Pelágio, e Bossuet em seu *Traité du libre arbitre*.

Uma leitura atenta revela que a refutação do atomismo é, porém, muito nuançada. Para Suains, “a outra opinião” é apenas “muito provável” em relação ao materialismo, caracterizado como uma “tese [...] perigosa”, cujos defensores se embarçam “em dificuldades que nunca serão resolvidas” e correm “o risco de proferir uma blasfêmia execrável”. A aceitação hipotética da validade da tese da eternidade da matéria relativiza ainda mais o ataque ao atomismo, colocado em pé de igualdade, por um instante, com “a outra opinião”, que o nega: “Ainda que se possa conceber que a eternidade desses pequenos corpos seja possível, já que é certo que a outra opinião é pelo menos tão ou mais provável que esta”. Sadeur retoma essa aceitação hipotética em sua réplica: “ainda que pudéssemos aceitar a existência eterna desses pequenos corpos, nunca se poderia provar que tenham podido distinguir este mundo e diversificá-lo, tal como o vemos agora, segundo o princípio incontestável de que as coisas, permanecendo as mesmas, necessariamente reproduzem a si mesmas”. Essa “refutação

quase escolástica”, “que se refere às concepções aristotélicas tiradas das virtudes das faculdades e das formas”, é suspeitamente fraca, conforme observou P. Ronzeaud (1982, p. 189).

Na mesma réplica, Suains traduz o sentido de se acreditar na eternidade dos pequenos corpos: “destruir o Ser dos seres”. A cosmogonia atomista, conforme apresentada no livro de Foigny, dispensa a vontade divina de qualquer responsabilidade pela criação do mundo, separando os fenômenos físicos da matéria religiosa.

Suains diz ainda que para “cumprirmos o nosso dever” e atrairmos “o reconhecimento desse ser Infinito” é melhor colocarmo-nos “ao seu lado”. Esse raciocínio, próximo do *pari de Pascal*, não convence, pois contradiz a ideia de divindade que têm os austrais: para eles, o Haab é “incapaz de mudança”, não castiga nem premia.

Penso, como Henri Busson (1948, p. 156), que essa refutação pouco convincente do atomismo é apenas um pretexto para expor, ainda que resumidamente, uma cosmogonia em que a vontade divina não atua no mundo, onde a matéria existe segundo leis próprias e o homem é o único responsável por seu destino.

Finalmente, é preciso citar ainda o livro do calvinista Isaac de La Peyrère, publicado em 1655, que teorizava o poligenismo sob a forma da existência de um ramo da humanidade anterior à de Adão, justificando a existência dos povos e terras não repertoriados nas cosmografias, e que vinham sendo descobertos pelos europeus. Essa hipótese já havia sido formulada pelo muçulmano Al Maqdisi (século X), a partir do Corão, e renasce em um momento de grandes debates acerca da cronologia do mundo, da origem das línguas e dos habitantes das terras longínquas que os europeus continuavam a “descobrir”. A hipótese da existência de uma estirpe humana pré-adamita, isenta do pecado original, subvertia a tradição exegética e os fundamentos da ortodoxia, e encontra ressonância na utopia de Foigny, que pode, ao menos em parte, ser lida como uma reescritura ficcional das teses de Al Maqdisi e de Peyrère<sup>25</sup>.

A alta densidade intertextual de *A terra austral conhecida* revela um autor preocupado com as grandes questões políticas, geográficas, religiosas e filosóficas de seu tempo. Mais do que defender uma ideia ou um ponto de vista em particular, Foigny coloca em circulação e em

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

129

<sup>25</sup> Ver Peyrère, 2004, Ronzeaud, 1981 e Eco, 1993.



evidência, em seu texto, temas que lhe eram próximos, e que contrastavam com a realidade histórica por ele vivida tanto na França monárquica e *toute catholique* da Contrarreforma, quanto na Suíça republicana e calvinista. *A terra austral conhecida*, portanto, realiza plenamente o gênero literário ao qual pertence, essencialmente por discutir, na forma codificada por Thomas Morus em seu *libellus aureus*, tópicos fundamentais para as comunidades político-religiosas nas quais viveu seu autor.

Ana Cláudia  
Romano Ribeiro

---

130

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[Anônimo] Resenha da edição de 1692 de Gabriel de Foigny. *Les Aventures de Jacques Sadeur...* In: **Journal des Savants** du 4 août 1692. Amsterdam: chez Wolfgang Waesberg, Boom & van Someren, 1693, t. XX.

[Anônimo clandestino do século XVIII]. **A vida e o espírito de Baruch de Espinosa**: tratado dos três impostores. Trad. de Éclair Antonio Almeida Filho. Introdução de José R. Maia Neto com notas de Regina Schöpke. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADAM, A. **Les libertins au XVII<sup>e</sup> siècle**. Paris: Buchet-Chastel, 1964.

ANEAU, B. **Alector ou le coq**. Ed. Marie-Madeleine Fontaine. Genève: Droz. 1996. 2 v.

ARARIPE, T. de A. Primeiro navio francês no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 49, 1889.

BACZKO, B. **Lumières de l'utopie**. Paris: Payot, 1978.

BACZKO, B. **Les imaginaires sociaux**: mémoires et espoirs collectifs. Paris: Payot, 1984.

BACZKO, B. Utopia. In: **Enciclopédia Einaudi**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5.



BALZAC, G. de. **Entretiens**. Paris: SFTM, 1972.

BAYLE, P. **Dictionnaire historique et critique**. 5 éd. de 1740, rev., corr. et augm. Genève: Slatkine Reprints, 1995, sobretudo verbetes Adam, Ève, Sadeur, Bourignon e Garasse.

BERGERAC, C. de. **Viagem à lua**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Posfácio de Jacyntho L. Brandão, “Cyrano de Bergerac e a tradição luciânica”. São Paulo: Globo, 2007.

BERGERAC, C. de. **Les états et empires de la lune et du soleil** (avec le Fragment de physique). Éd. Madeleine Alcover. Paris: Champion, 2004.

BERGERON, P. de. **Traité de la navigation et des voyages de découvertes... principalement des François**. Paris: J. de Hecqueville et M. Soly, 1629.

BEUGNOT, B. XVIIe et modernité: regards croisés sur intertextualité et réécriture. **Dix-septième siècle**, n. 236, p. 445-455, 2007/3.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2000.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BOTERO. **Relazioni universali**. Torino: Tarino, 1600.

BOVETTI-PICHETTO, M. T. Gabriel de Foigny, utopista e libertino. In: **Studi sull’utopia**, raccolti da Luigi Firpo. Firenze: Leo S. Olschki, 1977.

BOVETTI-PICHETTO, M. T. Introduzione. FOIGNY, G. de. **La Terra Australe**. Naples: Guida, 1978. p. 5-73.

BRY, T. de. **Peregrinationes in Indiam orientalem et Indiam occidentalem**. Francfort-sur-le-Main, 1590-1634.

BUSSON, H. **La religion des classiques (1660-1685)**. Paris: PUF, 1948.

*A intertextualidade em “A terra austral conhecida” (1676), de Gabriel de Foigny*

---

131

CHINARD, G. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII<sup>e</sup> et au XVIII<sup>e</sup> siècle**. Paris: Hachette, 1913.

CHOCHEYRAS, J.; BOSETTI, G. et al. **Le voyage austral**. Grenoble: Univ. des langues et lettres de Grenoble, 1984.

CHUPEAU, J. Les récits de voyages aux lisières du roman. **Revue d'histoire littéraire de la France**, n. 3-4, 1977.

CIORANESCU, A. **L'avenir du passé: utopie et littérature**. Paris: Gallimard, 1972.

COMPAGNON, A. **La seconde main ou le travail de la citation**. Paris: Le Seuil, 1979.

CONSARELLI, B. Gabriel de Foigny ovvero la perfetta 'disumanità' del saggio stoico. In: **'Libero pensiero' e utopia nel 'Grand Siècle'**. Pesaro: Flaminia, 1990.

CRUCÉ, É. **Le nouveau Cynée**. Paris: EDHIS, 1976.

D'AVEZAC, A. **Campagne di navire l'Espoir de Honfleur, 1503-1505**. Paris: Challamel, 1869.

DESCARTES. **Oeuvres**. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery. Paris: Vrin, 1982-1991.

ECO, U. **La ricerca della lingua perfetta nella lingua europea**. Roma/Bari: Laterza, 1993.

EPICURO. Antologia de textos. In: **Os Pensadores** vol. V. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril, 1973.

ESPINOSA, B. de. **Tratado teológico-político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. [Lisboa]: IN/CM, 1988.

FAUSETT, D. Introduction. In: FOIGNY, G. de. **The Southern land, known**. Translated and edited by David Fausett. NY: Syracuse University Press, 1993.



FOIGNY, G. de. **A terra austral conhecida**. Tradução, introdução e notas de Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré, Paris, Le Seuil, 1982.

GOYARD-FABRE, S. Présentation et notes. In: MORE, T. **L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement**. Traduction avec notes de Marie Delcourt. Paris: Flammarion, 1987.

HERRERA. **Historia general de los hechos de los Castellanos en las islas i tierra firme del mar oceano**. Madrid: Emplenta (sic) Real; Iuan Flamenco; Iuan de la Cuesta, 1601-1615. 7 v. (8 decadas).

I.D.M.G.T. **Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil**. Saumur: T. Portau, 1616.

KUON, P. L'utopie entre 'mythe' et 'lumières'. *La Terre Australe Connue* (1676) de Gabriel de Foigny et *L'Histoire des Sévarambes* (1677-1679) de Denis Veiras. **Papers on French Seventeenth Century Literature**, vol. XIV, n. 26, 1987.

LA POPELINIÈRE, H. L.-V. de. **Les trois mondes**. Édition établie et annotée par Anne-Marie Beaulieu. Genève: Droz, 1997.

LACHÈVRE, F. La vie de Gabriel de Foigny/Bibliographie des oeuvres de Gabriel de Foigny. In: **Les successeurs de Cyrano de Bergerac**. Paris: 1922, réimpression Slaktine, Genève, 1968.

LEIBACHER-OUVRARD, L. L'un et le double. Hermaphrodisme et idéologie dans *La Terre Australe connue* de G. de Foigny. **French Forum**, IX, 1984.

LESTER, T. **La mappa perduta**. Milano: Rizzoli, 2010.

LESTRINGANT, F. O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da utopia [trad. rev. em 2010]. **Morus: Utopia e Renascimento**, 3, p. 155-175, 2006.

*A intertextualidade em "A terra austral conhecida" (1676), de Gabriel de Foigny*

---

133



LINON, S.-J. Contraintes et enjeux idéologiques d'une topographie imaginaire: les Terres Australes inconnues d'Estienne de Flacourt (1661) et de l'Abbé Jean Paulmier (1663). **Ailleurs imaginés. Cahiers CRLH – CIRAOI**, n. 6, 1990.

LOGAN, G. M.; DAMS, R. M. Introdução. In: T. More. **Utopia**. Organização G. M. Logan e R. M. Adams. Tradução de Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Ana Cláudia  
Romano Ribeiro

MARCO POLO. **Milione**: le divisament dou monde. A cura di Gabriela Ronchi. Introduzione di Cesare Segre. Milano: Mondadori, 2006.

134

MELLO, A. D'A. **Expedições**: Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos. Florianópolis: Expressão, 2005. v. 1.

MINERVA, N. Viaggi in utopia. Note su alcuni romanzi dei secoli XVII e XVIII. In: **Utopia e... amici e nemici del genere utopico nella letteratura francese**. Ravenna: Longo, 1995.

MORE, T. Utopia. In: **The complete works of St. Thomas More**. Edited by E. Surtz and J.H. Hexter. New Haven: Yale University, 1965. v. 4.

PASCAL. **Oeuvres complètes**. Édition présentée, établie et annotée par Michel Le Guern. Paris: Gallimard, 1998.

PERRONE-MOYSÉS, L. **Vinte luas**: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

PEYRÈRE, I. de La. **I preadamiti**: a cura di G. Lucchesini e P. Totaro. Macerata: Quodlibet, 2004.

PORTE, M. **Mémoire de la Science**. Vol. II: La naissance du mètre. L'invention du vide. Fontenay-aux-Roses: École Normale Supérieure, 1986.

PRÉVOT, J. (Éd.). **Libertins du XVII siècle**. Édition établie, présentée et annotée par Jacques Prévot, avec, pour ce volume, la collaboration de Thierry Bedouelle et d'Étienne Wolff. Paris: Gallimard, 1998. t. I.



PRÉVOST, A. L'utopie comme genre littéraire. *Moreana*, n. 31-32, p. 161-168, nov. 1971.

PRÉVOST, A. **Thomas More et la crise de la pensée européenne**. Lille: Mame, 1969.

PRÉVOST, A. Présentation, texte original, appareil critique, exégèse, traduction et notes. In: MORE, T. **L'Utopie**. Paris: Mame, 1978.

PRÉVOT, J. (Éd.). **Libertins du XVII<sup>e</sup> siècle**. Édition établie, présentée et annotée par Jacques Prévot, avec, pour ce volume, la collaboration de Laure Jestaz et d'Hélène Ostrowiecki-Bah. Paris: Gallimard. 2004, t. II.

PURE, M. de. **Épigone**. Edition établie par Lise Leibacher-Ouvrard et Daniel Maher. Laval. Canada: Presses de l'Univ. de Laval, 2005.

QUARTA, C. Homo utopicus. On the Need for Utopia. **Utopian studies**, v. 7, n. 2, p. 153-166, 1996.

RABELAIS. **Pantagruel**. Éd. V.L. Saulnier. Genève: Droz, 1965.

RABELAIS. **Quart livre**. Édition présentée, établie et annotée par Mireille Huchon. Paris: Gallimard, 1998.

RABELAIS, F. **Gargântua e Pantagruel**. Tradução de David Jardim Júnior, Belo. Horizonte: Itatiaia, 2003.

RACAULT, J.-M. **L'utopie narrative en France et en Angleterre (1676-1761)**. Oxford: The Voltaire Foundation, 1991.

RACAULT, J.-M. **Nulle part et ses environs: voyage aux confins de l'utopie littéraire classique (1657-1802)**. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.

RACAULT, J.-M. Place et fonction des "sas" dans le voyage utopique: l'exemple de *La Terre Australe connue* de Gabriel de Foigny. In: BACCOLNI, R.; FORTUNATI, V.; MINERVA, N. **Viaggi in utopia**. Ravenna: Longo, 1997.

*A intertextualidade em "A terra austral conhecida" (1676), de Gabriel de Foigny*

---

135

RAYNAUD, A. **Le continent austral**: hypothèses et découvertes. Paris: Colin, 1893.

RIBEIRO, A. C. R. “**Sou do país superior**”: utopia e alegoria na libertina Terra austral conhecida (1676), de Gabriel de Foigny. Tradução e estudo. 2010. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RONZEAUD, P. **L’utopie hermaphrodite**: la Terre Australe Connue de G. de Foigny. Marseille: Publications du C.M.R. 17, 1981.

RONZEAUD, P. Introduction. In: FOIGNY, G. de. **La terre australe connue (1676)**. Édition établie, présentée et annotée par Pierre Ronzeaud. Paris: STFM, 1990.

BUYER, R. **L’Utopie et les utopies**. Paris: PUF, 1950.

STORER, M. F. Bibliographical observations on Foigny, La Hontan and Tyssot de Patot. *MLN*, LX, 1945.

STORER, M. F. Abbé François Ragueneau, Deist, Historian, Music-and-Art-Critic. *The Romanic Review*, XXXVI, 1945.

THÉVENOT. **Relation de divers voyages curieux**. Paris: Jacques Langlois, 1663-1696.

THEVET, A. **La cosmographie universelle**. Paris: Chaudière, 1575.

TROUSSON, R. **Voyages au pays de nulle part**: histoire littéraire de la pensée utopique. Bruxelles: Éditions de l’Université Libre de Bruxelles, 1999.

VAN ROOY, C. A. **Studies in classical satire and related literary theory**. Leiden: E. J. Brill, 1965.

VERNIÈRE, P. **Spinoza et la pensée française avant la Révolution**. Paris: PUF, 1982.

VIGNOLO, P. **Cannibali, giganti e selvaggi**: creature mostruose del Nuovo Mondo. Mondadori, 2009.

WELCH, M. M. Le Congo de Gabriel de Foigny. **Cahiers du dix-septième**, X, 2, 2006.

*A intertextualidade em  
“A terra austral conhecida” (1676),  
de Gabriel de Foigny*

---

137

